

EMPRESAS & MERCADOS

NOVA EMISSÃO DE EUROBONDS

Angola já deve 8 mil milhões USD a investidores internacionais

Angola aproveitou o actual momento dos mercados financeiros onde as taxas de juro da dívida soberana nos mercados desenvolvidos permanecem em mínimos históricos e os investidores procuram taxas mais atractivas nos mercados emergentes. Dívida pública próximo dos 100% do Produto Interno Bruto (PIB).

Joaquim José Reis

Com a emissão de 3.000 milhões USD em títulos de dívida soberana em moeda estrangeira, na terça-feira, em Londres, Angola aumenta para 8.000 milhões a dívida aos mercados de Eurobonds, e dispara a dívida pública para valores próximo dos 100% do PIB.

Na terça-feira foi emitida uma parcela com maturidade de dez anos, com um valor nominal de 1.750 milhões USD, com uma taxa de juro do cupão fixada em 8,00% e uma outra de 30 anos, com um valor nominal de 1.250 milhões USD e taxa de juro de 9,125%. Contas feitas, Angola emitiu 3.000 milhões USD com taxas de juro 0,25 pontos percentuais abaixo da emissão que decorreu em Maio de 2018. Mas até poderia ter emitido mais, já que, de acordo com um comunicado do Ministério das Finanças, a procura atingiu os 8,4 mil milhões USD.

As taxas de juro de rendimento são uma espécie de 'desconfiômetro' dos mercados: quanto mais altas, mais os mercados desconfiam da capacidade do país em reembolsar os valores. Na prática, os investidores internacionais consideraram menos arriscado investir na nova emissão de dívida pública em moeda estrangeira, do que na última vez que o Governo recorreu ao mesmo modelo de financiamento. Se a recente emissão é mais favorável

vel que a de 2018, então se compararmos com a primeira emissão angolana, em 2015, essa diferença ainda é maior, já que em 2015, a emissão de 1.500 milhões USD a 10 anos fixou a taxa de juro em 9,5%, 1,5 pontos percentuais acima da emissão desta semana, que decorreu em Londres.

Fontes dos mercados admitem ao *Expansão* que são já os resultados da "diplomacia financeira" que tem sido operada pelo Governo nos últimos tempos. "É pelo menos a diplomacia a disfarçar algum do mau desempenho da economia angolana. E se fosse investidor não aplicava o meu dinheiro em Angola, onde há muita incerteza sobre o que vai acontecer", admite uma fonte.

No entanto, para o economista-chefe da consultora Eaglestone, Tiago Dionísio, "Angola aproveitou bem o actual momento dos mercados financeiros onde as taxas de juro da dívida soberana nos mercados desenvolvidos permanecem em mínimos históricos e os investidores procuram taxas mais atractivas noutros mercados emergentes. As taxas de juro destas emissões a 10 e a

Angola emitiu 3.000 milhões USD com taxas de juro 0,25 pontos percentuais abaixo da emissão de Maio de 2018

30 anos são ligeiramente mais baixas que as últimas emissões devido às actuais condições do mercado, mas continuam a ser relativamente atractivas para os investidores".

O economista acrescentou que "apesar de o País continuar em recessão, os investidores têm visto com bons olhos os esforços do Governo de reduzir a ainda elevada dependência do petróleo e na consolidação das contas públicas. O programa de ajuda técnica e financeira do FMI tem sido importante para melhorar a percepção dos in-



A emissão de dívida soberana foi concluída com uma taxa de juro superior às yields

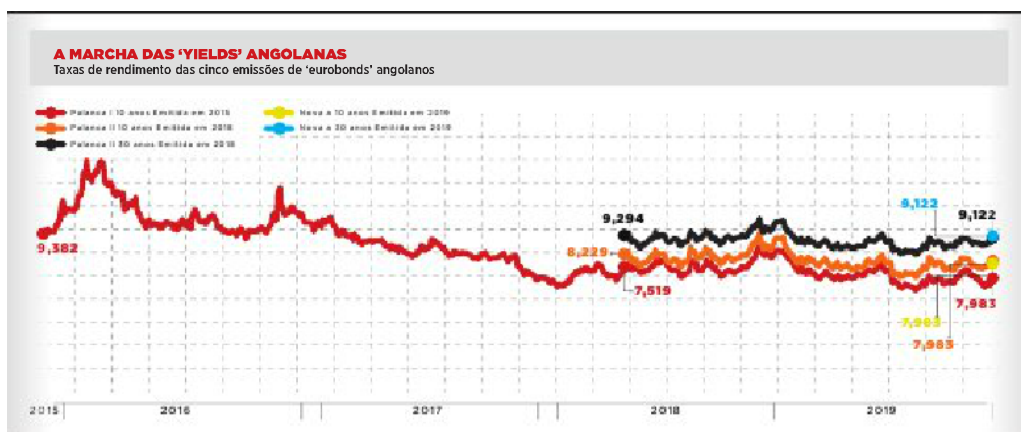
vestidores sobre o país e a maneira como olham hoje em dia para Angola".

A emissão de dívida soberana foi concluída com uma taxa de juro superior às yields angolanas que na semana antes da nova emissão rondavam os 6,70%, de acordo com a Bloomberg. As yields, ou taxas de rendimento, correspon-

dem às taxas de juro que o mercado exige aos emitentes.

De acordo com o 'Prospecto Preliminar' que o Ministério das Finanças apresentou aos investidores no âmbito do processo de emissão dos Eurobonds, desde 2014 que só a dívida bilateral (a outros países) tem caído. A dívida aos bancos comerciais quase que triplicou,

Mercados admitem que são já os resultados da "diplomacia financeira" dos últimos tempos



Fonte: Bloomberg



angolanas que na semana antes da nova emissão rondavam os 6,70%, de acordo com a Bloomberg

passando de 9,1 mil milhões USD para 22,4 mil milhões, com os bancos chineses a serem os principais credores angolanos (ver gráficos). Também a multilateral (a instituições como FMI ou Banco Mundial) quase que quadruplicou, enquanto a dívida a fornecedores cresceu 36% em quase seis anos.

Contas feitas, aos 42 mil milhões USD que o prospecto diz que valia no final de Junho a dívida pública externa governamental (que exclui dívida da Sonangol) é necessário acrescentar os 3 mil milhões USD dos Eurobonds. Juntando os 26,5 mil milhões USD de dívida interna, o total da dívida governamental ascende aos 71,5 mil milhões USD), cerca de 78% dos 92 mil milhões USD do Produto Interno Bruto (PIB) nominal projectado no prospecto entregue aos investidores. Isto só a dívida governamental, falta ainda acrescentar a dívida do Banco Nacional de Angola e das empresas públicas, como a Sonangol, e facilmente se percebe que a dívida pública total rondará os 100% do PIB, adiantam alguns especialistas consultados pelo *Expansão*. Isto porque a projecção do PIB para 2019 foi avançada ainda an-

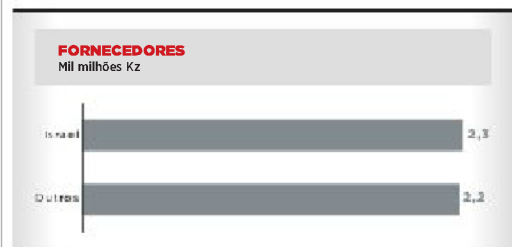
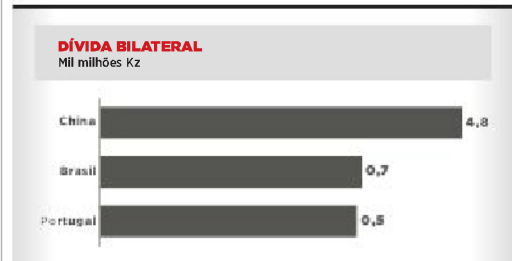
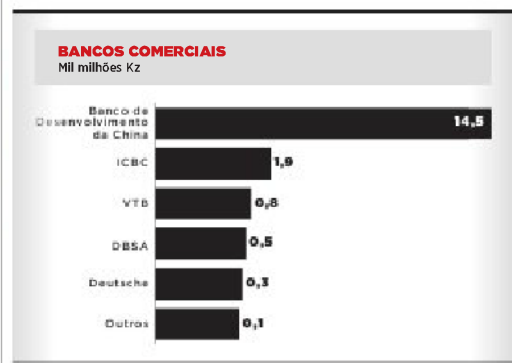
tes do mês de Outubro em que o Kwanza deprecia fortemente face às moedas internacionais. Desta forma, o valor do Produto Interno Bruto deverá ser inferior aos 92 mil milhões USD projectados, o que, elevará o rácio do peso da dívida para valores superiores até aos que o Fundo

Facilmente se percebe que a dívida pública total rondará os 100% do PIB, adiantam alguns especialistas

Monetário Internacional (FMI) projectou para o País, que seriam 91% do PIB até final do ano. A própria ministra das Finanças, Vera Daves, disse que “no princípio do próximo ano o rácio de dívida pública face ao PIB deverá passar os 100% e o rácio da dívida face às receitas deverá aumentar para 114%”.

“O nível de endividamento de Angola deverá permanecer elevado nos próximos tempos, tornando ainda mais importante que a actividade económica recupere e que o país cresça nos próximos anos”, admite o economista Tiago Dionísio.

Eurobonds vs. FMI
De acordo com cálculos do *Expansão*, Angola vai gastar entre encargos e juros uma média de 2,6% com o FMI, embora no primeiro ano, em 2018, esses valores rondem os 0,5% do primeiro desembolso, ultrapassando a barreira dos 3% a partir de 2022. Valores bem abaixo do que custará o financiamento das emissões de Eurobonds, que variam entre os 8% e os 9,5% (ver gráfico). Por outro lado, não é possível comparar com os custos dos financiamentos obtidos junto da China, uma vez que nem o gigante asiático nem Angola revelam os custos envolvidos, pelo que não é possível comparar. Mas, para se ter uma ideia, de acordo com um documento do Ministério das Finanças a que o *Expansão* teve acesso, os juros pagos pela dívida contratual no II trimestre de 2018, onde se inserirá a dívida à China, rondam os 4,9%.



Fonte: Prospecto entregue aos investidores dos Eurobonds